

(Classe média já disputa vaga em hospital público

Rio — Primeiro foram as escolas. Agora, os hospitais. Cada vez mais empobrecida, a classe média deixa de lado alguns preconceitos e passa a disputar com as camadas mais carentes da população os serviços oferecidos pela rede pública de saúde. No Rio, as primeiras consequências da disputa são visíveis nos hospitais públicos da Zona Sul, que registraram aumento no número de atendimento de até 40% no primeiro trimestre deste ano.

Preocupados com a situação, os diretores desses estabelecimentos advertem para a possibilidade de colapso e chamam atenção para um fato curioso: a convivência numa mesma enfermaria de vítimas de doenças de Primeiro Mundo ao lado de pacientes com dengue ou cólera.

“Deixamos de ser hospital de emergência e estamos atendendo milhares de pessoas que não deveriam estar aqui”, admite o diretor do Hospital Municipal Miguel Couto, Paulo Pinheiro. “Todos os dias chegam pessoas que estavam internadas em clínicas particulares. Mas aí, acaba o dinheiro e elas não têm alternativas a não ser o nosso hospital”. Localizado na Gávea, o HMC divide com o Hospital da Lagoa e o Hospital de Ipanema - ambos do Inamps — a “preferência” da classe média. Como os dois hospitais do governo federal estão com vários serviços paralisados, a pressão maior recai sobre o Miguel Couto. “Temos equipamentos, mão-de-obra e recursos, mas estamos à beira de um estresse por causa do aumento da procura”, lamenta Pinheiro.

De janeiro a março, o número de internações no HMC cresceu 38% em relação a igual período do ano passado. Em relação a 1991, a média mensal de internações no hospital simplesmente dobrou, passando de 500 para 1011. O atendimento de emergência teve um crescimento menor (27%), mas o número de óbitos foi recorde: foram 376 mortes no trimestre - 64% a mais que no período janeiro a março de 1992. “O aumento do número de pacientes graves é assustador”, afirma Pinheiro. Ele ressalta que a maior parte dos óbitos ocorre antes que o paciente complete 24 horas no hospital.

A presença da classe média nas estatísticas pode ser observada no aumento da procura por exames laboratoriais, Raios X, tomografias e ultrassonografias. A unidade coronariana apresenta uma taxa de ocupação acima de 100%. “Os altos preços dos planos privados de saúde fizeram com que a classe média perdesse o preconceito na hora de procurar um hospital público”, analisa Pinheiro. “Mas ainda assim, há pessoas que reclamam da falta de lençóis ou ficam constrangidas por estarem em enfermarias coletivas”.

Conflitos — A professora universitária Ruth Levi Zindeluk integra o “novo perfil” dos usuários dos hospitais públicos. Proprietária de um confortável apartamento no Leme, na Zona sul, há duas semanas ela precisou recorrer a um hospital público para socorrer a mãe, Simha, 82 anos, nascida na antiga Iugoslávia, que precisava fazer uma bronco-aspiração. “Ou me desfazia de outro imóvel da família para manter o tratamento em um hospital privado ou levava minha mãe para o Miguel Couto”, disse. No ano passado, Ruth passou pelo mesmo conflito na hora de transferir para a escola pública as duas filhas, de 10 e 14 anos.

Ruth admite que teve de contar com a ajuda de amigos para internar a mãe no Miguel Couto. Vencida a primeira etapa, teve, então, de procurar o ex-marido, também professor, para transferir Simha para o Hospital do Fundão, mantido pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde permanece internada. “A classe média não tem escapatória em relação aos preços absurdos cobrados pelos convênios médicos”, analisa Ruth. “Além do mais, o preço alto não garante um atendimento satisfatório”.